



O BRINCAR E A EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS ENTRE PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Naiane Libório Fontes¹

GT 1 – Educação de Crianças, Jovens e Adultos

RESUMO

Este trabalho parte da dissertação de mestrado em educação já concluída, tem como objetivo enfatizar a importância da brincadeira na Educação infantil e o papel do educador na organização das práticas do brincar. O artigo possui metodologia de caráter qualitativo e referencia-se em pesquisa bibliográfica. Destacamos a brincadeira como prática cultural, presentes nos estudos da Sociologia da Infância, onde concordamos com a defesa da brincadeira de livre escolha pela criança, ou dirigida pelo adulto, mas sem intenções de aprendizagem, e sim de uma socialização de saberes que permitem construções sociais e a interação das crianças com os adultos e os seus pares, constituindo as culturas infantis. Compreendemos a importância da aprendizagem lúdica, da utilização das brincadeiras para aprender, mas salientamos que não podemos reduzir a brincadeira somente a isso e que esse não é o verdadeiro significado da brincadeira para a educação da criança.

Palavras-chave: Brincadeira. Brincar. Criança. Educação Infantil.

ABSTRACT

This work is part of the master's dissertation on education already completed, it aims to emphasize the importance of play in children's education and the role of the educator in the organization of play practices. The article has a qualitative methodology and is referenced in bibliographic research. We highlight the play as cultural practice, present in the studies of the Sociology of Childhood, where we agree to the defense of free play by the child, or directed by the adult, but without learning intentions, but a socialization of knowledge that allow social constructions and the interaction of children with adults and their peers, constituting child cultures. We understand the importance of playful learning, the use of play to learn, but we emphasize that we can not reduce the joke solely to this and that this is not the true meaning of the joke for the education of the child.

Palavras-chave: Just kidding. Play. Child. Child education.

¹ Naiane Libório Fontes, Pedagoga (UFS 2013), Especialista em Neuropedagogia (Faculdade Amadeus 2015), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2017), professora da Faculdade Dom Pedro II Lagarto-SE.



INTRODUÇÃO

Este artigo, parte de uma dissertação de mestrado já concluída, tem como objetivo enfatizar a importância da brincadeira na Educação infantil e o papel do educador na organização das práticas do brincar. O artigo possui metodologia de caráter qualitativo e referencia-se na pesquisa bibliográfica.

O nosso quadro teórico está constituído por alguns autores que discutem a Educação Infantil e suas interfaces com o brincar, sendo destacados os seguintes: Borba (2007; 2009) que traz a perspectiva da brincadeira cultural; atuais Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2009), Brinquedos e Brincadeiras nas creches (2012), nos orientando sobre os direitos dos bebês, Corsaro (2002; 2011) que fala sobre as interações e as relações das culturas de pares, além das suas contribuições sobre o faz de conta nas brincadeiras infantis; Gomes (2013) falando sobre a formação de professores na Educação Infantil, Barbosa (2010); Oliveira (2000; 2011; 2012) e Wajskop (2012) nos dando suporte teórico sobre as brincadeiras, as culturas infantis e as práticas pedagógicas na Educação de crianças de zero a três anos.

Haverá sempre o que dizer sobre o brincar. Instituído como direito da criança, o brincar é tão significativo para a infância que não importa a cultura que a criança nasce e cresce, o brincar estará sempre presente marcando a infância e inserido na produção acadêmica.

Nas brincadeiras é importante a interação das crianças maiores com os bebês, não sendo necessário a separação a divisão do horário do brincar, isso é uma construção que acontece processualmente principalmente as creches e pré-escolas que não tem ainda para si, esse hábito. Num contexto de interação, a experiência da brincadeira propicia relações entre as crianças e seus pares. A criança é ativa e deve ser considerada no seu agora, na sua infância, buscando pensar nos seus aspectos sociais e históricos e nas suas culturas infantis, presente e pertinentes na sua vida, conforme explica Corsaro (2002; 2011).

Segundo Barbosa; Guedes; Guimarães (2013): “nas interações com o outro e com o mundo, a relação entre as crianças e a brincadeira é fundamental para a prática pedagógica na educação infantil” (p. 253).

O brincar requer que os educadores sejam formados, saibam, reconheçam e valorizem a importância do brincar, valorizem a brincadeira na infância, para a infância, vivenciando o hoje. Wajskop (2012) colabora nessa compreensão, quando explica que: “para a professora,



olhar e descobrir a interatividade imaginativa de seus alunos demanda um trabalho de formação profissional e de estudos que ela não teve oportunidades de vivenciar anteriormente” (p.114).

As atuais Diretrizes Curriculares para Educação Infantil ampliam nosso argumento quando afirmam que:

Atividade realizadas pela professora ou professor de brincar com a criança, contar-lhe histórias, ou conversar com ela sobre uma infinidade de temas, tanto promovem o desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesmo, de sua autoconfiança e a formação de motivos e interesses pessoais, quanto ampliam as possibilidades da professora ou professor de compreender e responder às iniciativas infantis (BRASIL, 2009, p. 7).

No documento do MEC, intitulado “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, as autoras Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg (2009) enfatizam o direito que a criança tem à brincadeira. Pensando nesse sentido, as autoras defendem a ideia de que as creches devem ser organizadas com ambientes planejados, disponibilizando brinquedos para as crianças e que sejam estes acessíveis, além disso, criar cantinhos de faz de conta, num ambiente aconchegante proporcionado aos bebês vivenciar esse seu direito: a brincadeira. “Nossas crianças tem direito à brincadeira (...) Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão” (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009, p.13)

A brincadeira permite a criança ser e fazer o que ela quiser: ser a princesa, a mãe, a professora, no brincar do faz de conta a criança vive a sua infância. Característica da infância, a brincadeira é um direito e deve estar presente nas instituições educacionais. Todas as crianças brincam, isso é fato. Brincadeiras que levam diferentes nomenclaturas no grande território do nosso país, mas que ao mesmo tempo tão próximas com suas características idênticas, brincadeiras que divertem as culturas infantis.

BRINCADEIRA: PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças brincam em todos os lugares e espaços que proponha isso. Seja no berço, no banho, na hora da papinha, no parque, no solário, em inúmeras situações da rotina, a criança brinca e diversos objetos se transformam em brinquedo. E os educadores infantis



precisam investigar com que brinquedos as crianças gostam de brincar e as brincadeiras que são comuns a elas fora do espaço da creche, principalmente os bebês.

Tal perspectiva, de pensar e planejar a prática pedagógica desde o berçário, encontram força legal para que sejam efetivas nas propostas pedagógicas de Educação Infantil nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil:

O trabalho pedagógico na unidade de Educação Infantil, em um mundo em que a reprodução em massa sufoca o olhar das pessoas e apaga as singularidades, deve voltar-se para uma sensibilidade que valoriza o ato criador e a construção pelas crianças de respostas singulares, garantindo-lhes a participação em diversificadas experiências (BRASIL, 2009, p. 9).

A esse respeito, explicam que:

As instituições de Educação Infantil precisam organizar um cotidiano de situações agradáveis, estimulantes, que desafiem o que cada criança e seu grupo de crianças já sabem sem ameaçar sua autoestima nem promover competitividade, ampliando as possibilidades infantis de cuidar e ser cuidada, de se expressar, comunicar e criar, de organizar pensamentos e ideias, de conviver, brincar e trabalhar em grupo, de ter iniciativa e buscar soluções para os problemas e conflitos que se apresentam às mais diferentes idades, e lhes possibilitem apropriar-se de diferentes linguagens e saberes que circulam em nossa sociedade (BRASIL, 2009, p. 9).

A prática pedagógica acontece também nas situações de cuidado na creche e as crianças constroem significados a partir das experiências vivenciadas nas brincadeiras e nas interações (BRASIL, 2009).

Dentro dessa configuração, Ramos (2012) nos indica que “exige do professor um olhar investigativo sobre interesses, necessidades e motivações da criança, revelados em suas brincadeiras (...) São posturas que reconhecem o protagonismo de ações da criança e convidam o professor para ser parceiro das iniciativas infantis, valorizando e acolhendo suas tramas e inquietações” (p. 82).

Segundo Oliveira (2011), o contexto da creche é um dos ambientes de desenvolvimento da criança. Não substitui a família, porém, é favorável por ser um local de socialização diferente do familiar e, a partir do cuidar e do educar, as crianças convivem e exploram o ambiente, sendo possibilitado nessa troca constante de experiências a construção de visão de mundo e de si mesma.



Na creche é ampliada as possibilidades de convivências das crianças com outras crianças da mesma idade e de diferentes idades o que favorece a interação e a construção de cultura. E a brincadeira, inserida nesse contexto, permite a criança o direito de mostrar a sua cultura, aprendendo outras formas de ver o mundo com as culturas infantis, presentes no ambiente creche. Neste lugar vemos claramente a construção de culturas infantis e o compartilhamento das múltiplas infâncias das crianças com seus pares, conforme nos explica Corsaro (2002; 2011).

Neste espaço que as crianças passam em média de 8 a 10 horas por dia é preciso planejar práticas pedagógicas. Para Oliveira (2011): “Organizar o dia a dia da criança significa, principalmente, estruturar o coletivo infantil no tempo e no espaço” (p. 107). As brincadeiras planejadas ou livres podem ser possibilitadas também com a interação de outros agrupamentos etários. Pensar nas práticas é importante para o professor do berçário. Como nos afirma Oliveira (2011): “Clareza de objetivos, grande flexibilidade de meios e um grande treino de observação pelo professor, estas são as condições para que aconteça uma programação dinâmica e criativa para as crianças que passam a maior parte de seu dia na creche” (p. 123).

Barbosa (2011) aponta para as brincadeiras na educação de 0 a 3 anos, nos dando orientações de brinquedos que os bebês gostam de brincar, bem como nos fala da importância da estimulação de um ambiente bem organizado para as brincadeiras:

É importante para as crianças de 0 a 3 anos estarem num ambiente aconchegante, tranquilo e pleno de materiais que agucem a sua curiosidade e ação (mas não hiperestimulante). Nesta faixa etária as crianças gostam de brinquedos como móveis-coloridos, brilhantes, e que façam barulho-chocalhos, brinquedos para empilhar, martelar, puxar e empurrar, com guizos ou outros estímulos sonoros, objetos flutuantes, fios com contas, trapézios para o berço, brinquedos desmontáveis, copos ou caixas que encaixam umas nas outras, blocos e argolas para empilhar, livros de papel, pano, plástico com rimas, com ilustrações, brinquedos musicais, carrinhos, objetos para caixa de areia, blocos de tamanho diferentes, bolas de diversos tamanhos, utensílios de higiene de brinquedo, espelho, bonecas e bonecos, fantasias, fantoches, bonecos de pelúcia, quebra-cabeças simples, bonecos de dar corda puxando um fio, bonecos que se movimentam quando se puxa um fio, carretel com linha grossa e muitos outros... não muito pequenos e bem coloridos (p. 4).



Para Curtis (2006): “As definições do brincar são muitas e variadas, mas a maioria inclui a ideia do brincar como uma experiência prazerosa, que não tem um produto final e é intrinsecamente motivada” (p. 39).

As crianças podem ser consideradas atores sociais e cada uma delas interpreta e vivencia de maneiras diferentes as experiências das brincadeiras propostas pelas educadoras, pois tudo envolve um contexto e os saberes singulares das culturas infantis (CORSARO, 2011).
Vejam os:

Através da interação com os colegas no contexto pré-escolar, as crianças produzem a primeira de uma série de culturas de pares nas quais o conhecimento infantil e as práticas são transformadas gradualmente em conhecimento e competências necessárias para participar do mundo adulto (p. 114).

Segundo Corsaro (2011), as crianças produzem juntas culturas de pares, numa ação coletiva e complexa, contribuindo para sua cultura de criança e dos adultos com os quais convivem e para uma sociedade mais ampla. Nesse sentido:

Uma parte de seus mundos e experiências revela-se nas ações e significados que constroem nas suas brincadeiras. Isso porque o processo do brincar referencia-se naquilo que os sujeitos conhecem e vivenciam. Com base em suas experiências, os sujeitos reelaboram e reinterpretam situações de sua vida cotidiana e as referências de seus contextos socioculturais, combinando e criando outras realidades” (BORBA, 2007, p. 35 e 36).

A interação com o outro possibilita as crianças novas vivências, ampliação de vocabulário, socialização. Na brincadeira de faz de conta, as crianças assumem outros papéis. A maioria dessas brincadeiras partem de experiências vividas pelas crianças nos ambientes nos quais elas convivem, porém, Oliveira (2011) nos diz que “É interessante notar como em grupos de crianças essas brincadeiras desencadeiam o envolvimento daquelas que não necessariamente viveram os mesmos conflitos, mas se experimentaram no faz de conta” (p. 72). A autora acrescenta também que as crianças revelam nas brincadeiras os seus sentimentos.

Borba (2007) nos fala de duas perspectivas que caracteriza o brincar como patrimônio cultural:

Podemos dizer que a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. (...) O brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação



social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo. (p. 39).

Segundo Borba (2007), “a brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura” (p. 36). Nos ambientes que as crianças frequentam, elas vivenciam suas culturas e apreendem as brincadeiras. Além das influências externas ocasionadas por exemplo, pela mídia.

A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte de sociabilidade. O desejo de brincar com o outro, de estar e fazer coisas com o outro, é a principal razão que leva as crianças a se engajarem em grupo de pares” (BORBA, 2007, p. 41).

E é nessa relação com o outro que as crianças também constroem as culturas e compartilham as suas experiências, por isso, é muito importante que os educadoras criem oportunidades nas creches das crianças terem uma relação mais próxima com as outras crianças de diferentes idades, além dos seus pares.

Corsaro (2011) define cultura de pares como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com outras crianças” (p. 151).

Conforme Borba (2009):

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações de mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. O brincar é, portanto, experiência de cultura, por meio da qual os valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças.” (p. 70-71)

Segundo Borba (2009): “No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social (...). Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais” (p. 71).

Falando de uma perspectiva onde as brincadeiras são passadas para os pares das culturas em que vivemos, Coelho (2009) nos revela em seus estudos sobre as brincadeiras nos



espaços livres da favela, que fazem parte da identidade da criança quando esta se reconhece “como parte do próprio meio” (p. 174) e este ambiente livre torna-se afetivo com as brincadeiras ali existentes.

A criança brinca com o simples e é nessa simplicidade das brincadeiras que as crianças criam e recriam os significados dos brinquedos e dos objetos, sendo a brincadeira produzida pela criança. Nas brincadeiras, as crianças se expressam, brincam com o corpo, por exemplo, aparentemente simples, permite experimentar seus limites e as suas possibilidades, auxiliando na identificação enquanto sujeito.

Com a brincadeira, as crianças conhecem a si mesma, o outro e o mundo de culturas que está ao seu redor. Para Barbosa (2011): “Brincar é uma atividade vivida sem propósitos e que realizamos de maneira espontânea atendendo ao nosso desejo, ao nosso emocionar, e isto acontece tanto na infância como na vida adulta” (p. 4). Uma das características da brincadeira é essa liberdade e a diversão que ela proporciona às pessoas, sejam elas adultas ou crianças. Barbosa (2011) acrescenta: “Os jogos e brincadeiras envolvem aspectos naturais, culturais e sociais, também motores, afetivos e cognitivos” (p. 4).

A brincadeira pensada numa perspectiva como um espaço de motivação, nos diz que brincando a criança aprende. Esse aprender não é no sentido de conteúdos, mas uma aprendizagem de convivência consigo mesmo, com o outro e a sociedade, uma aprendizagem que desenvolve várias funções cognitivas, psicológicas e motoras, dentre outras.

Segundo Pedrosa; Carvalho; Rossetti-Ferreira (2012), a brincadeira é um espaço de formação, de aprender e de ensinar, porque quando a criança brinca ela aprende e ensina, com ou sem palavras, apenas observando o parceiro e deixando o parceiro a observar nas brincadeiras. Segundo as autoras, as crianças expressam na brincadeira seus desejos e conflitos.

Neste sentido, a brincadeira possibilita prazer e diversão, não deixando de apreender com os experimentos brincantes como nos afirma Pedrosa; Carvalho; Rossetti-Ferreira (2012):

O brincar é uma oportunidade privilegiada para aprender, mas antes de tudo é uma oportunidade para se divertir, para usufruir a companhia dos parceiros. As crianças brincam porque gostam; brincando elas aprendem, constroem ou transformam objetos em cooperação com o outro, como se estivessem realizando verdadeiros experimentos; compartilham significados e elaboram temas em comum (p. 188).



Segundo Borba (2007): “Os estudos da psicologia baseados em uma visão histórica e social dos processos de desenvolvimento infantil apontam que o brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem” (p. 35).

Ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característico de seu pensamento verbal (OLIVEIRA, 2000, p. 160).

A brincadeira possibilita a fantasia, imaginação e no faz-de-conta as crianças imitam, verbalizam e transformam os objetos, dando a eles novos significados. A brincadeira estimula a imaginação e várias experiências brincantes podem e precisam ser realizadas no âmbito educacional, brincadeiras individuais e coletivas. O espaço da brincadeira nos contextos escolares é propiciador de produção de relações sociais, enfim, brincando a criança mostra seus saberes e descobre individualmente e junto com seus parceiros experiências incríveis.

A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo” (OLIVEIRA, 2000, p. 162).

Segundo Smith (2006): “O comportamento de brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais – sócias, intelectuais, criativas e físicas. Em primeiro lugar, grande parte do brincar é social” (p. 26).

A brincadeira possibilita a criança a aprendizagem de regras do convívio social no qual está inserida, além de desenvolver várias funções cognitivas, motoras e psicológicas. É possível pensar no desenvolvimento infantil de forma integrada, e não compartimentada com atividades que limitam as possibilidades de exploração que o ambiente da creche oferece.

À proporção que a criança cresce a brincadeira é cada vez menos presente na sua escola, justificando que é a “falta” de tempo diante dos inúmeros conteúdos que as crianças “precisam” estudar. A perspectiva conteudista está presente na educação infantil de 0 a 3



anos, além disso, algumas creches por vezes, funcionam ainda como espaço de assistencialismo, mantendo uma prática ultrapassada focando no cuidar.

Uma tendência recente, na educação infantil e nos anos iniciais, é a da utilização de materiais didáticos com objetivos predeterminados. Exemplo disso são os brinquedos pedagógicos e os métodos lúdicos de ensino e de alfabetização. Neles, a atividade lúdica da criança restringe-se a exercícios preparatórios de discriminação por meio de brinquedos. Escolhem-se materiais com o fim de facilitar a aquisição de conceito. As atividades são totalmente controladas pelo professor (HORN, POTHIN, SILVA, 2007, p 16).

Segundo Fortuna, et al. Horn (2014), “Uma escola lúdica é uma escola que assume o brincar: atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a pessoa que brinca, não centrada na produtividade” (p. 29).

Refletindo nessa vertente, a aprendizagem que a brincadeira nos disponibiliza, vai muito além da possibilidade do desenvolvimento cognitivo, motor e da linguagem. A brincadeira nos permite interagir, socializar e vivenciar valores, nossos e dos nossos pares, parceiros das brincadeiras, e não deve ser reduzida a um único desenvolvimento, elencando determinadas brincadeiras nomeando-as como aquela que desenvolve a motricidade, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, concluímos dizendo que as crianças brincam com o que lhe é proporcionado, usam sua imaginação, reinventando funções diferentes para objetos, virando brinquedos, inventando brincadeiras também. Aproveitar os espaços da instituição de Educação Infantil para a brincadeira acontecer, nas salas e na área externa, diversificando o ambiente das brincadeiras, aproveitando cada detalhe que a creche proporciona, além de criar espaços como os cantinhos. As brincadeiras devem ser pensadas utilizando materiais artesanais da região onde a instituição está localizada, valorizando a cultura local com o uso de brinquedos que fazem parte da cultura do seu povo.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A Prática Pedagógica no Berçário. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

BARBOSA, Silvia Néli. GUEDES, Adrienne Odêga. GUIMARÃES, Daniela. Cuidado e cultura: Propostas curriculares para o trabalho com crianças de até três anos. **Educação Infantil: Formação e responsabilidade**. KRAMER, Sônia. NUNES, Maria Fernanda. CARVALHO, Maria Cristina. (orgs.) 1ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013. P. 243 a 258.

BORBA, Ângela Meyer. O Brincar como um modo de ser e estar no mundo. p. 33 a 45. In: BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos**. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC, 2007.

BORBA, Ângela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia (org.) **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. P. 69 a 78.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Conselho nacional de educação câmara de educação básica resolução, nº 5, de 17 de dezembro. 2009.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Crítérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. – 6. Ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CARVALHO, Ana M. A.; PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012. Coleção docência em formação: Educação Infantil/coordenação Selma Garrido Pimenta. (p. 179-203)

COELHO, Glaucineide do Nascimento. Brincadeiras na favela: A constituição da infância nas interações com o ambiente. In: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de. SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). **Infância (in) visível**. Junqueira & Martins Editores, 2008.

CORSARO, William. **A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças**. Educação, Sociedade e Culturas, nº 17, 2002.

_____, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURTIS, Audrey. O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias. In: MOYLES, Janet R. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 39-49.

HORN, Cláudia Inês; SILVA, Jaqueline Silva da; POTHIN, Juliana. **Brincar e Jogar: atividades com materiais de baixo custo**. Porto Alegre: Mediação, 2007.



_____, Cláudia Inês. [et. al.]. **Pedagogia do Brincar**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

OLIVEIRA, Zilma, Ramos de. **Creches: crianças, faz de conta & cia.** (et al.). 16. Ed. Atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____, Zilma, Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. Cortez, 2000.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. ROSA, Ester Calland de Souza. **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**. 2, ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SMITH, Peter K. O brincar e os usos do brincar. In: **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 39-49.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na educação infantil: uma história que se repete**. 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção questões da nossa época; 34)